

# LA BATTAGLIA DI ALGERI / 1966

*(A Batalha de Argel)*

um filme de Gillo Pontecorvo

**Realização:** Gillo Pontecorvo / **Argumento:** Gillo Pontecorvo e Franco Solinas, inspirado em *Souvenirs de la Bataille d'Alger*, de Saadi Yacef / **Direcção de Fotografia:** Marcello Gatti / **Direcção Artística:** Sérgio Canevari / **Música:** Ennio Morricone e Gillo Pontecorvo / **Som:** Omar Bouksani e Alberto Bartolomei / **Montagem:** Mário Morra e Mário Serandrei / **Intepretação:** Brahim Haggiag (Ali La Pointe), Jean Martin (Coronel Mathieu), Saadi Yacef (Djafar), Samia Kerbash (uma rapariga), Ugo Paletti (capitão), Fusia El Kader (Halima), Mohamed Ben Kassen (Omar, o garoto), etc.

**Produção:** Igor Film – Casbah Film / **Produtores:** Antonio Musu e Saadi Yacef / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, falada em italiano com legendas em português, 120 minutos / **Estreia em Portugal:** Apolo 70 e Satélite, a 1 de Junho de 1983.

---

Gillo Pontecorvo realizou um dos mais mal afamados filmes da história, **Kapo** – muito por causa do “travelling” e do texto de Jacques Rivette. Mas também realizou aquele que, em certos contextos, se tornou um filme muito bem afamado: este mesmo, **La Battaglia di Algeri**. É uma obra que tem uma génese peculiar, tendo nascido de uma encomenda do então recém-fundado estado argelino. A alma mater foi Saadi Yacef, antigo combatente pela independência (e ainda hoje, com mais de oitenta anos, figura activa na política argelina), que escrevera na prisão umas memórias dos seus dias durante a batalha de Argel. Yacef deu o mote narrativo, co-produziu o filme, e ainda teve disponibilidade para o interpretar: vemo-lo como Djafar, líder da célula da FLN na “casbah” de Argel, personagem largamente decalcada de si próprio. Como os argelinos não tinham nem os meios nem os capitais suficientes para porem de pé, sozinhos, um filme com estas características, viraram-se para Itália. Como é óbvio, naquela altura, em França, ninguém estaria disposto a pagar por um filme sobre a independência argelina (e **La Battaglia di Algeri** esteve depois vários anos proibido de estrear em solo francês – em Portugal, claro, estreou nove anos depois do 25 de Abril). Mas os italianos, pelo menos os homens do dinheiro, também não estavam especialmente entusiasmados pela ideia de porem o seu próprio capital ao serviço da promoção do independentismo norte-africano. Puxa para aqui, puxa para ali, houve várias versões do argumento (a primeira ideia de Pontecorvo era pôr Paul Newman a interpretar o coronel francês, ideia que os argelinos liminarmente recusaram: bruxo, era o mesmo que dizer aos espectadores com quem é que eles se deviam identificar...), e o tom final

de **La Battaglia di Algeri**, aquela neutralidade desafectada, um pouco triste, que é a sua maior força, acabou por ser a não totalmente voluntária consequência deste delicado equilíbrio entre a sensibilidade argelina e a sensibilidade europeia.

O filme de Pontecorvo ganhou na altura um prémio em Veneza, e está hoje muito bem cotado. Junto dos cinéfilos (de alguns, pelo menos), mas ainda mais junto dos militares. De tão seco e tão descritivo que é, tem servido de exemplo nas mais variadas circunstâncias, transformado em filme didáctico quando há que compreender como lidar com insurreições civis em ambiente urbano (a Wikipedia, sempre pródiga em *trivia*, indica que o filme de Pontecorvo foi usado como peça instrutiva pelos militares argentinos durante a ditadura, mostrado em Israel aos soldados em acção na Palestina, e até os americanos promoveram projecções do filme para os militares estacionados no Iraque).

Ser descritivo é de facto a sua maior virtude. Não há propriamente personagens; ou há, mas, seja do lado argelino seja do lado francês, não há qualquer psicologia clássica, são silhuetas (mesmo figuras históricas como Ali La Pointe e o próprio Youcef/Djafar) que aparecem e desaparecem e voltam a aparecer ao longo da estrutura episódica do filme. Não há, também, muita ideologia, ou discussão à volta dos ímpetus para a independência, praticamente reduzidos (cf. uma das primeiras sequências com Ali La Pointe) a uma reacção à arrogância colonial dos franceses. Que, fora os militares (a personagem do coronel Mathieu), são apenas uma espécie de "nuvem", progressivamente mais assustada (bela sequência, a do velho argelino aossado, na sequência de mais um atentado à bomba, pela multidão nas varandas e janelas). Mas não há, também, e isto é interessante, nenhum heroísmo festivo. A FLN não é santa, há brutalidade dos dois lados (a bomba na discoteca), e vítimas inocentes a lamentar entre todos. De resto, é curioso que o filme praticamente comece com a aquisição da noção, por parte dos líderes da FLN, de que é preciso disciplinar o movimento, acabar com o caos da "casbah", correr com as prostitutas, os drogados, os traficantes, etc. Por esse lado, **La Battaglia di Algeri** relata uma aprendizagem da frieza, e uma verdadeira militarização do "underground" argelino.

A sua outra grande virtude é o facto de ter sido filmado em cenários reais, nas ruas de Argel, entre a "cidade europeia" e a "casbah" (oposição muito bem dada por aqueles movimentos de câmara, em plano geral, sobre a cidade). O cinema, e não só o cinema francês, já tinha dado alguns retratos, mais ou menos míticos, desse dédalo de ruas e ruínas que era a "casbah" (por todos os exemplos, o magnífico **Pepe le Moko** de Duvivier). Pontecorvo dá-nos, no preto e branco coçado da fotografia (talvez mais "coçado" ainda na cópia que vamos ver, oriunda da distribuição portuguesa, mas fica bem), uma espécie reportagem fotográfica sobre a Argel árabe, em que se acredita e em que facilmente se mergulha com um certo prazer.

Luís Miguel Oliveira